

LEITURA: UMA INTERAÇÃO DO LEITOR COM O TEXTO

Elsa Maria da Silva PORTELA (Colégio Diocesano)

RESUMO: neste trabalho objetivamos mostrar que o processo da leitura constitui uma relação dialética entre um conhecimento novo e um conhecimento já dado, o que pode ocasionar um comportamento de estranheza ou familiaridade na interação do leitor com o texto. Para isso nos ancoramos nos pressupostos teóricos de Hans Robert Jauss, Wolfgang Iser, Gadamer e Roman Ingarden, autores que defendem a ideia de que a leitura não tem um sentido pronto e único materializado no texto, mas é construído no texto pelo leitor. Considerando que cada indivíduo tem um repertório pessoal e cultural específicos, analisamos o modo como se dá o preenchimento de vazios decorrentes desta relação dissimétrica, através da análise do texto “Balada do Amor Através das idades”, de Carlos Drummond de Andrade, sem direcionamento interpretativo, com um grupo de alunos do Colégio São Francisco de Sales (Diocesano). Constatamos que a leitura livre possibilita maior manifestação das singularidades dos leitores.

PALAVRAS-CHAVES: Leitura. Efeitos de Sentido. Vazios.

1. Introdução

O recorte teórico de nossa análise recai sobre a concepção de que a leitura não tem sentido pronto e único materializado no texto, mas é construído no texto pelo leitor. A figura deste, que durante muito tempo foi relegada pelo formalismo e estruturalismo, retoma a cena literária para construir os sentidos a partir do repertório e do horizonte de expectativas do leitor. Dessa forma, a ela é dada a autonomia de interpretar a partir de um conjunto de convenções que constituem a sua competência num dado momento.

Na tentativa de melhor explicar a ênfase dada ao leitor, numerosos trabalhos surgiram sob inspiração da fenomenologia ou da estética da recepção. Alguns teóricos como Hans Robert Jaus, Wolfgang Iser, Gadamer, Roman Ingarden e outros desenvolveram teorias com o objetivo de descrever a interação do leitor com a obra, as quais serão evocadas para fundamentar nossos propósitos.

Esta análise está embasada na interconexão entre texto, contexto e leitor, e procurará avaliar as concepções dos leitores e suas implicações nos preenchimentos dos pontos de indeterminação surgidos no processo da leitura do texto literário, considerando que é nesse tipo de texto que os vazios se formam se apresentam com mias constância.

O corpus maximal deste trabalho compreende um total de quarenta textos produzidos a partir do poema “Balada do amor através das idades” de Carlos Drummond de Andrade, por uma turma de 1º série do Ensino Médio do Colégio Diocesano. Destes selecionamos apenas dez por considerarmos um número representativo para nossa análise.

2. A estética da recepção

Foi graças ao trabalho de Hans Robert Jauss(1994), divulgado em sua aula inaugural sobre a história da literatura, que a Estética da Recepção conferiu nova roupagem à hermenêutica literária. O autor desenvolveu novo método de análise literária, polarizando sua teoria à análise da relação texto-leitor. Para ele, a concretização do sentido está entre o efeito (momento condicionado pelo texto) e a recepção (momento condicionado pelo destinatário). Vê-se que Jauss atribuiu ao leitor um papel preponderante mobilizando-o a emitir um julgamento da obra a partir de sua vivência no mundo real e ficcional. Assim, a significação

da obra repousa na relação dialógica que se estabelece em cada época entre a obra e o público. Ou seja, o horizonte de expectativa do leitor se funde com o ponto de vista do autor do texto, fato que o levou a defender a ideia de que a obra literária só pode ser julgada do ponto de vista do relacionamento com seu destinatário. É somente através da interação ativa do leitor com o texto que a natureza instável da experiência estética se efetiva.

A instauração desse princípio polêmico assegurou-lhe reabilitar a historicidade da leitura da forma como era tratada nos estudos canônicos, isto é, a literatura tomada como uma sequência cronológica, associando-se a história à experiência estética que uma obra é capaz de deflagrar nos leitores em tempos diversos, pois Jauss acredita que os conceitos são transitórios e que os sentidos não são definidos de uma vez para sempre. Sobre isso manifesta a seguinte crítica:

“...supõe-se um diálogo idealista entre texto, num universo onde tudo é texto e cada texto, tão-somente a soma de outros textos, como se um texto pudesse falar a qualquer época, sem a interferência dos leitores.” (Jauss, 1994, apud Zilberman, p.19)

Apoiando-se na historicidade da obra literária, entende que as obras do passado e a experiência literária de hoje reatualizam as obras, que vão sendo enriquecidos de geração em geração, formando assim uma cadeia de recepção que determinará a importância histórica da obra, bem como o seu caráter emancipatório. Para ele,

... a qualidade e a categoria de uma obra literária não resultam nem das condições históricas ou biográficas de seu nascimento, nem tão-somente de seu posicionamento no contexto sucessório do desenvolvimento de um gênero, mas sim dos critérios de recepção... (Jauss, 1994, p.6).

Por essa razão, a história da literatura deve ser analisada como processo de recepção e produção estética, pois são os leitores, os críticos e autores que, em diferentes épocas atualizam a obra com seus horizontes de expectativas, demonstrando como o texto foi percebido em cada uma delas. Apesar da ênfase conferida ao leitor, Jauss argumenta que os efeitos partem da obra original, isto é, embora o leitor tenha liberdade na construção de sentidos, o texto não é uma espécie de vale tudo. Não se pode atribuir a ele qualquer sentido, deixando o leitor livre, pois o texto tem uma materialidade sociolinguística que pode desautorizar certos sentidos.

3. Interação leitor-texto

Para construir o conceito de leitor, Jauss apoiou-se em Gadamer, mais precisamente na categoria de horizonte de expectativa, que corresponde à soma dos códigos vigentes e experiências sociais acumuladas do leitor, e ainda no caráter emancipatório da obra literária, já que esta provoca no leitor efeitos que o liberam das concepções usuais conferindo-lhes um lugar mais ativo e, conseqüentemente, dando à literatura uma importância social transformadora.

Vê-se que, apesar do leitor receber influência de ordem intelectual, sensorial e emotiva de uma obra literária, esta não é opressora, pois pelo seu caráter ficcional, consegue

estabelecer uma certa distância com o mundo real do leitor, libertando-o da decodificação de informações e provocando-lhe tomada de ações. Além de tudo, a obra literária liberta o ser humano dos constrangimentos e da rotina cotidiana através da experiência estética.

Segundo Jauss, a relação social da literatura com a função estética só ocorre quando se vivencia a significação artística. Da mesma forma, só pela experiência é possível justificar a presença social e continuidade histórica da arte.

A fim de verificar o efeito estético provocado no leitor, o autor elaborou uma proposta com a função de exaltar a natureza eminentemente libertadora da arte, através da fusão dos papéis transgressor e comunicativo. A referida proposta está alicerçada na tríplice tradição estética da poiesis, aisthesis e katharsis, as quais têm como principal reação a capacidade de identificação do leitor.

A poiesis corresponde ao prazer do leitor sentir-se co-autor da obra provocando uma participação crescente do leitor no seu processo de produção, reafirmando a função comunicacional da arte através da estimulação da resposta do público.

A aisthesis refere-se ao efeito estético provocado pela obra de arte na intenção de renovar a percepção do mundo circulante, reforçando uma das funções da arte que é descobrir novos modos de experiência na realidade mutável.

Já a katharsis, diferentemente do conceito clássico, é vista como processo de identificação, a qual leva o leitor a assumir novas formas de comportamento social, constituindo, assim, a experiência comunicativa básica da arte, explicitando sua função social. Segundo Jauss, esta é a que se mostra mais mobilizadora, pois o expectador não apenas sente prazer, mas é motivado a agir.

Outro teórico que embasou esta pesquisa foi Wolfgang Iser (1999), por ter polarizado o efeito estético a partir da interação texto-leitor. Apoiando-se também em Roman Ingarden elaborou um dos principais postulados da estética da recepção, o qual sugere que o texto possui uma estrutura de apoio e, por conseguinte, converte o leitor numa peça essencial da obra, já que é dele a capacidade de apreensão e do processamento de efeitos de sentido. Na verdade, ele atesta que o texto inicia sua própria transferência, mas esta só será bem sucedida se o texto conseguir ativar certas disposições da consciência do leitor. É de responsabilidade do texto o estímulo aos atos de apreensão pelo leitor, o que difere um pouco da visão de Jauss que depositava no leitor todo potencial interpretativo.

Considerando que para Iser o texto é uma prefiguração estruturada para seus leitores, é necessário descrever quão fluido e dinâmico é o processo da leitura, o que faz muitos dos atos estimulados pelo texto poderem escapar ao controle dos leitores na atualização de diferentes contextos.

Por este motivo, Iser sugere a existência de modelos de interação pela psicologia social e pela pesquisa psicanalítica que, a propósito da comunicação, parecem facilitar o trabalho do analista de sentidos. Essas teorias tratam de identificar diferentes modos de contingência, ou seja, capacidade ou incapacidade do leitor acessar os sentidos disponibilizados pelo texto. Os graus de contingência dependem do repertório que o leitor possui para preencher os vazios deixados pela interação leitor-texto, embora todo texto tenha uma unidade semântica, deixando sempre espaços de incerteza, os quais serão preenchidos segundo uma negociação. Esses elementos de indefinição ou vazios não devem ser vistos como um defeito, mas representam uma condição essencial na comunicabilidade entre leitor e texto. Na verdade eles são uma exigência para que o leitor participe da produção de sentidos.

Apesar dos pontos de indeterminação sugerirem uma realização contextual independente do leitor, não implica conceber a compreensão como uma significação aleatória, pois o texto tem uma unidade semântica capaz de assegurar o que pode ou não ser indeferido.

Os teóricos Edward E. Jones e Harol B. Gerard, em sua teoria da interação, propuseram descrever os modos de contingência a partir de quatro estratégias de interação, a

saber: pseudocontingência (quando autor e leitor dominam praticamente os mesmos planos de conduta); contingência assimétrica (quando um dos parceiros da interação percebe o maior ou menor grau de contingência do outro passando a adotar a postura deste); contingência reativa (quando o outro identifica no parceiro a fragilidade do que está dizendo e começa a criar dificuldades de interação, a fim de se proteger); e finalmente a contingência recíproca (quando parceiros seguem um mesmo plano de conduta; concordam, mas reformulam para dizer de outro modo).

Essas estratégias de esforço interpretativo só ocorrem porque as relações são assimétricas e, por conseguinte, deixam lacunas ou vazios necessários. Numa situação hipotética, se autor e leitor estiverem num mesmo nível de contingência, não haverá necessidade de busca de interação.

Jauss também interessou-se pela hermenêutica da resposta pública ao texto, baseando-se nas contribuições de Ingarden sobre os pressupostos metodológicos de verificação dos efeitos vivenciados pelo leitor, como os vazios, as concretizações e potencializações.

Os vazios são espaços a serem preenchidos pelo leitor, através de uma negociação em que este vale-se de seus horizontes de expectativas e projeta sentidos para situar-se no texto. Assim, eles são responsáveis pelas articulações do texto e indicam os segmentos a serem conectados. No entanto, essas projeções poderão falhar, se as projeções do leitor se impuserem independentes do texto, ou as projeções mútuas dos participantes não sofrerem mudanças.

Os vazios possuem uma estrutura funcional dualista, pois ao tempo em que atuam como marcadores de suspensão da conectabilidade entre os segmentos do texto, constroem também a condição de seu relacionamento, ou seja, eles não só ocupam uma atividade interruptiva das sequências textuais, bem como estabelecem uma estrutura de comunicação entre elas.

As concretizações são atualizações, em parte, dos elementos potências de uma obra literária, as quais são provocadas pela emoção original do leitor. Apesar de não admitir as várias possibilidades de concretização de uma obra, Ingarden quebrou o paradigma tradicional da obra de arte estabelecendo a noção de concretização como algo que tem um sentido potencial adequado ou inadequado à obra.

As potencializações são esquemas que indicam os segmentos do texto a serem conectados, uma vez que, quebrados pelos vazios, liberam o espaço das posições denotadas pelo texto para os atos de projeções praticados pela ideação do leitor durante o processo de relevância estética dos vazios.

4. Análise do corpus

Embora a leitura tenha sido feita com quarenta alunos, selecionou-se apenas dez textos, quantidade suficiente para demonstrarmos o propósito da pesquisa. Os alunos também tiveram contato com a leitura orientada do livro didático, a partir da qual realizou-se diversas atividades canalizadas em um único sentido, favorecendo a possibilidade de se avaliar as duas práticas de interpretação.

O texto “Balada do amor através das idades” exigiu do público-leitor certa familiaridade com outras obras, além de conhecimentos históricos por ele aludidos, o que contribuiu para a ocorrência de uma diversidade de interpretações, não impedindo, contudo, que a maioria dos alunos alcançasse uma interseção mínima com o texto, reforçando a tese de que o conjunto de normas sociais, históricas e culturais trazidas pelo leitor é uma bagagem necessária a sua leitura.

A interpretação atribuída ao texto pelo crítico literário é de que um namorado, homem do século XX, identificando-se com as personagens dos filmes a que assiste, imagina ser o herói dessas aventuras. Esclarece que o poema não fala de um caso particular de amor, mas do amor em geral, de todas as épocas e que a balada é uma forma de ironizar as relações amorosas de hoje, “o amor dos tempos da igualdade entre os sexos”, opondo à visão que se tem do amor de outras épocas, heróico, cheio de aventuras e trágico.

Como preconiza os pressupostos teóricos embaixadores desta pesquisa, os sentidos de um texto dependem, em certa medida, do horizonte de expectativa do leitor, daí a inevitabilidade das múltiplas interpretações e, conseqüentemente, dos impactos sentidos por cada indivíduo durante o processo da leitura, algo que se confirma em nossa análise, pois cada aluno realizou de forma diferenciada o preenchimento de vazios do texto.

Da mesma forma, para que uma leitura se realize, é necessário um mínimo de interseção entre o repertório do leitor real (explícito) e o repertório do texto (leitor implícito), algo que pôde ser verificado no nosso corpus, pois todas as leituras apresentam um ponto comum, isto é, concordam que o poema retrata relações amorosas que sofreram muitos obstáculos a fim de se efetivarem.

Sob esses princípios, procurou-se analisar as diversas construções de sentidos dos alunos-leitores constatando que, ao tomarem o poema como um texto literário e inscrito em um gênero narrativo, demonstram dominar certas convenções que garantem a inserção do leitor na experiência estética. Entretanto, vale ressaltar que algumas interpretações não estão ancoradas na materialidade sociolingüística do texto, como a idéia de que o poema conta a história de um mesmo casal vivendo uma relação amorosa por vários séculos. Essas inadequações foram decorrentes da desatenção em torno de elementos determinantes da compreensão, como a observância do título, que sugere a ocorrência do amor através das idades, bem como pela falta de uma reformulação das expectativas que não puderam ser confirmadas ao longo da leitura, considerando-se uma leitura fracassada.

Sob esses aspectos, apresentamos as interpretações dos alunos, bem como o conjunto de convenções que constituem as suas competências, e as considerações relativas ao percurso interpretativo realizado por cada um, a fim de julgar as interpretações procedentes ou fracassadas.

BLOCO 1- Textos que conduziram a leitura a partir do entendimento da existência de um único casal ultrapassando as várias barreiras, inclusive o tempo, para finalmente ficarem juntos.

Leitor 1: O fato de só ter conseguido ficar com ela nos dias atuais foi talvez porque hoje vivemos uma sociedade mais liberal, moderna, contextualizada, fatores não presentes nas datas anteriores quando ele tentou conquistá-la como no Egito antigo (...) que tinha uma cultura rígida(...)

Leitor 2: O poema conta a história de um casal que se amava desde o início de sua adolescência, ou até mesmo desde a sua infância, mas o rapaz nunca foi aceito pela família da moça, então eles foram separados. A distância não foi empecilho para o amor dos dois, é tanto que quando eles se reencontraram viveram momentos de amor intenso.

Leitor 3: eu acho que durante toda a eternidade os dois sempre se amaram, só que nunca conseguiram ficar juntos e quase sempre acabaram mortos. Foi assim durante séculos e agora nos tempos modernos eles conseguiram finalmente ficar juntos,

porque os dois são iguais (...) ou fazem as mesmas coisas, pelo fato de que atualmente quando alguma coisa está na moda, todos querem fazer também.

Apesar dos pontos de intersecção da leitura, observa-se que os preenchimentos foram diferenciados, o que é plenamente esperado, já que o texto deixa espaços de indeterminação como acontece com o Leitor 1 que justifica o final feliz do casal a partir do julgamento que faz da sociedade moderna. O mesmo acontece com o Leitor 2 que imagina tratar-se de um namoro entre adolescentes, idade com que geralmente se casava no tempo histórico sugerido no texto. Outros já justificam os contratempos do casal às questões de valores e crenças, atribuindo-os à predestinação, ou até mesmo revelando a crença na reencarnação, como acontece com os leitores 4 e 5.

BLOCO 2- O casal é o mesmo pela crença na reencarnação.

Leitor 4: No poema, o eu-lírico sente que o destino tratou de uni-lo a sua amada em diversas ocasiões em vidas passadas. Eles se encontraram, mas não ficaram juntos. Nos dias atuais, eles tornaram a se encontrar e, finalmente tiveram um final feliz.

Leitor 5: Achei o texto maravilhoso, não acredito em reencarnação, mas já ouvi falar e estou por dentro de tudo sobre o assunto e acho que o autor quer se expressar um pouco sobre esse assunto.

BLOCO 3- Alguns leitores evidenciaram a função fática da linguagem, ou seja, acreditam que o poema foi utilizado como canal de comunicação entre o casal.

Leitor 4:...percebi que o eu- lírico pôde ter escrito esse poema para mostrar a amada que eles foram feitos um para o outro,(...)foi uma forma romântica de mostrar que o destino trabalhou para uni-los, mesmo que ele não tenha vivido essas diversas situações.

Leitor 6: Neste poema o autor quis demonstrar que para uma pessoa amar outra, mesmo que seja de sua pátria, ela deve brigar, matar, enfrentar perigos, mesmo que (...) seja em muitas vidas(...)no final o amor dura para sempre.

BLOCO 4- Nesse bloco selecionamos as leituras que conceberam a existência de vários casais representando o amor em diferentes épocas.

Leitor 7 : O texto mostra como o amor era tratado em diferentes épocas.

(...)

No tempo Romano havia grande preocupação com a honra(...)

(...)

Agora o amor é visto como afinidade, de que gosta das mesmas coisas...

Leitor 8: O texto mostra um homem contando sua história de amor através das diversas profissões que exerceu, e que em cada uma delas, ele sempre encontrava uma mulher que estava próxima à profissão que ele estava exercendo.

Leitor 9: O texto apresenta, de uma maneira bem interessante, uma história de amor que se segue de diferentes épocas.

As épocas que são mencionadas no texto foram as mais marcantes da história do mundo...

No início, a história se inicia na época mais antiga da civilização e termina nos dias atuais, como uma história de amor de cinema.

Leitor 10: Este texto retrata como as relações de amor foram evoluindo ao passar o tempo e como os novos obstáculos surgiram com estas transformações, o texto também nos passa a idéia de que o amor nunca morre, ele apenas se transforma e muda o jeito de ser das pessoas (...). As mudanças que ocorrem no amor andam juntas com as transformações que acontecem no mundo.

5. Considerações finais

Pudemos constatar que não é no texto em si que estão as múltiplas possibilidades de sua leitura, mas na interação texto-leitor, ou melhor, no espaço construído nessa interação, no entremeio em que se negociam sentidos a partir de um horizonte de expectativa do leitor.

Dessa forma, não devemos, enquanto professores, impor uma leitura única, quer nossa, quer do crítico literário, muito menos considerar erradas as interpretações que só atingiram um nível superficial de leitura. Assim, pensar o professor enquanto mediador da leitura em sala de aula, não pressupõe conceber-lhe a autoridade de dar uma significação prévia e única ao texto, na vã intenção de monopolizar a leitura que pensa ser legítima, pois isso termina interditando o movimento de interpretação do novo leitor.

Pelos pressupostos teóricos analisados aqui, não se trata de uma licença incondicional do leitor de produzir um fluxo ilimitado e incontrolável de leituras, mas é preciso se ter ciência de que os textos têm propriedades que guiam e constroem o alcance da interpretação, até mesmo os textos de função estética, que são mais abertos à contribuição do leitor na constituição dos sentidos.

Nessa perspectiva, não devemos padronizar leituras, pois os horizontes de expectativas e o repertório de cada indivíduo são diferentes. Portanto, devemos atender a diversidade de sentidos e os níveis de interpretação do leitor, porque só assim ele poderá estabelecer uma relação dialética com o texto, o que implica em atribuir-lhe, não o sentido que já lhe é próprio, mas os múltiplos efeitos que podem gerar nos leitores.

Referências

- ISER, Wolfgang. O ato da leitura: uma teoria do efeito estético. Vol 1. Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed.34, 1996.
- _____. O ato da leitura: uma teoria do efeito estético. Vol 2. Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed.34, 1999.
- ZILBERMAN, Regina. Estética da recepção e história da literatura. São Paulo: Ática, 2004.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. Discurso e texto: formulação e circulação de sentidos. Campinas, SP: Pontes, 2ª. Edição, 2005.
- COMPAGNON, Antoine. O demônio da teoria literatura e senso comum. Trad. De Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte. ed. UFMG (humanista), 2001.
- AMARAL, Emília & FERREIRA, Mauro & LEITE, Ricardo & SEVERINO, Antônio. Novas palavras. 2ª ed. São Paulo: FTD, 2005.
- GREGOLIN, Maria do Rosário & BARANAS, Roberto (org.). Análise do discurso: as materialidades do sentido. 2ª ed. São Paulo, Claraluz, 2003.
- JAUSS, Hans Robert. A literatura e o leitor: textos de estética da recepção. Coord. E trad. Luiz Costa Lima- Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- _____. A história da literatura como provocação. Série Temas. V-10. 36 Estudos Literários. São Paulo: ática, 1994,78p.

ANEXOS

LEITOR 1- O personagem é muito persistente, mas não desistiu. O fato de só ter conseguido ficar com ela nos dias atuais foi talvez porque hoje vivemos em uma sociedade, mas liberal, moderna, contextualizada, fatores não presentes nas datas anteriores quando ele tentou conquistá-la, como na Grécia Antiga, Itália, entre outros. As maiores implicações foram as guerras e em outros o simples fato de uma cultura rígida, persistente ocasionava em atos que impedia a união do casal.

LEITOR 2- Eu entendi que cada momento vivido pelo eu lírico foi único, tanto é que ao final de cada estrofe os dois personagens da “história” “morrem”, ou seja, aquela vivência já passou, nunca mais haverá outra do mesmo jeito.

O poema conta a história de um casal que se amava desde o início de sua adolescência, ou até mesmo, desde a infância, mas o rapaz nunca foi aceito pela família da moça, então eles foram separados.

A distância não foi empecilho para o amor dos dois, é tanto que quando eles se reencontraram viveram momentos de amor intenso. Foi quando a família da moça descobriu e a mandou para um convento. Porém, o rapaz não desistiu e resolveu lutar pelo seu grande amor.

A luta não foi em vão, mesmo sem o consentimento da família da garota, os dois se casaram e são felizes.

Portanto, a história do poema é a de um amor incansável que não se deixou abalar pelas barreiras impostas pelo destino, e ao final, houve o clássico “e viveram felizes para sempre.

LEITOR 3- Eu acho que durante toda a eternidade os dois sempre se amaram, só que nunca conseguiram ficar juntos e quase sempre acabaram mortos. Foi assim durante séculos e séculos e agora nos tempos modernos eles conseguiram finalmente ficar juntos porque os dois são iguais. Eu acho também que podemos levar o fato de eles somente nos tempo modernos serem tão parecidos (fazem as mesmas coisas) pelo fato de que atualmente quando alguma coisa está na moda todos querem fazer também. Quem sabe por isso eles finalmente deram certo.

LEITOR 4- No poema, o eu lírico sente que o destino tratou de uni-lo a sua amada em diversas ocasiões, em vidas passadas. Eles se encontravam mas não ficavam juntos. Nos dias atuais, eles tornaram a se encontrar, e finalmente tiveram um final feliz.

Porém, após uma pequena reflexão, percebi que o eu lírico pôde ter escrito esse poema

apenas para mostrar a mulher que ele gosta que eles foram feitos um para o outro, e ele, não necessariamente, viveu essas diversas vidas. Nesse caso, quando ele diz que nas outras vidas eles não ficaram juntos, ele quis mostrar que esse era o momento deles ficarem juntos. Resumindo, foi a forma romântica de mostrar que o destino trabalhou para uni-los, mesmo que ele não tenha vivido essas diversas situações.

LEITOR 5- Achei o texto maravilhoso, não acredito em reencarnação, mas já ouvi falar e estou por dentro de tudo sobre o assunto e acho que ele, o autor, quer se expressar um pouco sobre o assunto. Usando a ficção tenta comentar as vidas que já passou. E percebe que em todas ele foi romântico, e sua morte tem alguma coisa a ver com uma mulher.

LEITOR 6- Neste poema o autor quis demonstrar que para uma pessoa amar outra, mesmo que não seja de sua pátria ela deve brigar, matar, enfrentar perigos, mesmo que demore muito para conseguir deve sempre seguir em frente, mesmo que seja em muitas vidas, enfrentar perdas, e seguir em frente, basta seguir o coração, que sempre no final o amor dura para sempre.

LEITOR 7- O texto mostra como o amor era tratado em diferentes épocas. No tempo romano havia-se uma grande preocupação com a honra..., essas coisas, então muitos amores não eram vividos. Sempre se defendia esses propósitos até que com a própria vida. O tempo foi passando e essa questão foi sendo vista de outra forma. As pessoas que amavam agora pensavam em fugir, não mais morrer... então acabavam sendo condenadas a morte.

Agora o amor é visto como afinidade, de que gosta das mesmas coisas... o maior problema é quando os pais não aprovam, pois isso já não é mais empecilho para que ama.

O que quer dizer é que a visão do mundo sobre o que nos cerca muda junto com suas conseqüências, mais o desejo de ir além sempre é maior.

LEITOR 8- O texto mostra um homem contando a sua história de amor através das diversas profissões que exerceu, e que em cada uma delas, ele sempre encontrava uma mulher que estava sempre próxima à profissão que ele estava exercendo. Se tornaram namorados e depois se casaram.

LEITOR 9- O texto apresenta, de uma maneira bem interessante, uma história de amor que se segue através de diferentes épocas.

As épocas que são mencionadas no texto foram as mais marcantes da história do mundo e a história de amor se desenvolve de acordo com cada época.

No início, a história se inicia na época mais antiga de civilização e termina nos dias atuais, como uma história de amor de “cinema”.

LEITOR 10- Este texto retrata com as relações de amor foram evoluindo ao passar do

tempo e novos obstáculos que surgiram com estas transformações. O texto também nos passa a idéia de que o amor nunca morre, ele apenas se transforma e muda o jeito de ser das pessoas. Não importa a época, ele sempre vai existir, porém com algumas mudanças com obstáculos diferentes daqueles de antigamente, sem falar nos assuntos discutidos entre namorados, por exemplo. As mudanças que ocorrem no amor andam juntas com as transformações que acontecem no mundo.

Balada do Amor através das Idades

Eu te gosto, você me gosta
desde tempos imemoriais.
Eu era grego, você troiana,
troiana mas não Helena.
Saí do cavalo de pau
para matar seu irmão.
Matei, brigamos, morremos.

Virei soldado romano,
perseguidor de cristãos.
Na porta da catacumba
encontrei-te novamente.
Mas quando vi você nua
caída na areia do circo
e o leão que vinha vindo,
dei um pulo desesperado
e o leão comeu nós dois.

Depois fui pirata mouro,
flagelo da Tripolitânia.
Toquei fogo na fragata
onde você se escondia
da fúria de meu bergantim.

Mas quando ia te pegar
e te fazer minha escrava,
você fez o sinal-da-cruz
e rasgou o peito a punhal...
Me suicidei também.

Depois (tempos mais amenos)
fui cortesão de Versailles,
espituoso e devasso.
Você cismou de ser freira...
Pulei muro de convento
mas complicações políticas
nos levaram à guilhotina.

Hoje sou moço moderno,
remo, pulo, danço, boxo,
tenho dinheiro no banco.
Você é uma loura notável,
boxa, dança, pula, rema.
Seu pai é que não faz gosto.
Mas depois de mil peripécias,
eu, herói da Paramount,
te abraço, beijo e casamos.

Carlos Drummond de Andrade